

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III,

Domingo 14 de Setembro de 1856.

N. 3.

Relatorio

APRESENTADO EM ASSEMBLÉA GERAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ, EM 21 DE AGOSTO DE 1856 POR SEU PRESIDENTE, JOSÉ ANTONIO DOS SANTOS CORTIÇO.

(Conclusão.)

JORNAL « SAUDADE. »

Ainda que não seja de minha competencia fallar do estado do jornal a—*Saudade*—desde o começo do segundo semestre, mas tão sómente de sua receita e despesa nos trez mezes de minha presidencia, vou todavia apresentar-vos em resumo todo o semestre; não só porque alguns numeros que deveriam imprimir-se no 1.º trimestre foram impressos no 2.º, como porque, se desejardes orientar-vos do estado das contas em todo o segundo semestre, não vos seja necessario recorrer ao relatorio do meu muito digno antecessor, porque nelle achareis infallivelmente a demonstração de seu estado, até o momento de exonerar-se de seu cargo. Tambem não tratarei dessas contas com miudesa, pois os que desejarem conhece-las minuciosamente, acharão na exacta conta corrente, apresentada pelo nosso digno thezoureiro, o meio de satisfazer sua curiosidade; exponho:

DESPEZA.

—Desde o principio do 2.º semestre—

Pago a F. M. Raposo d'Almeida, para entrega de todo o material da—*Saudade*—cuja publicação estava a seu cargo até o n. 10, ficando desde esse n. em diante a cargo de nossa associação 64\$000.

Pago por impressão de 15 ns. - desde n. 11 inclusive ao n. 25 520\$000.

Por listas e circulares em todo o semestre 22\$000.

Aos intregadores * idem 41\$500.

Ao recebedor 11\$000.

Pago por composição de duas poesias inutilizadas 4\$000.

Total 662\$500.

RECEITA.

—Desde o principio do 2.º semest e.—

Recebido de 97 assignantes da côrte e provincias 297\$000.

Importancia adiantada por diversos socios do Gremio, e pelo cofre do mesmo. 365\$000.

662\$500.

Deve por tanto a —*Saudade*— a quatro socios do Gremio e ao cofre do mesmo a quantia de 365\$500 cuja divida foi obrigada a contrahir para pagar sua despesa, que, como vistes, importou em 662\$500, ao passo que a receita foi apenas de rs. 297\$000, porque contou mui limitado numero de assignantes. Ha, porém, a receber de devedores á folha, a quantia de Rs. 33\$000 e por consequencia é o seu deficit de Rs. 332\$500.

Pelo que fica demonstrado, é evidente que não andavam errados os que pediam a suspensão da folha, pois em verdade se acha ella alcançada n'essa quantia que venho de vos mostrar. Então, perguntar-me-heis vós agora, como ousou asseverar-vos os bons auspicios em que se acha, se ella está alcançada? e mais me perguntareis como e por quem, será satisfeito esse alcance?

Quanto á primeira pergunta respondo, que se vos digo achar-se sob bons auspicios, creio não avançar uma temeridade, pois é incontroverso que a criação da *compunhia* para manter-lhe a publicação, foi uma medida acertadissima de que se esperam os melhores resultados; e nem eu, assim fallando, procurei alludir a seu estado actual mas ao que lhe prometto a medida em questão; e quanto á segunda pergunta, se m'a fizesseis, dir-vos-hia que não era a mim a quem compéttia resolver esse problema e apenas lembraria, que estando a—*Saudade*—debaixo da tutela do—*Gremio Litterario Portuguez*—a elle pertence sustenta-la; e razão parece, que achando-se elle em circumstancias taes, como em breve esperamos ve-lo, não só riscará de seu activo a importancia que lhe adiantára, como tambem a aliviará do alcance em que se acha para com os socios que lhe prestáram seu apoio; e quando

as esperanças do—*Gremio*—fossem mallogradas, ter-se-hia o recurso de uma medida financeira do genero daquella que ultimamente foi apresentada e que poderá ser habilmente formulada, pelos espiritos atilados de nossa associação, que sabem distinguir o rateio da medida financeira, propriamente dita.

Terminando esta humilde e impèrfeita exposição do occorrido no trimestre de minha presidencia, a gratidão me impoem o dever de declarar, que todos os membros da directoria indistinctamente, muito me auxiliaram com suas luzes n'esta ardua tarefa: se não cumpri os vossos desejos e não desempenhei o meu cargo, como devera, accusai a minha ignorancia e inhabilidade em taes mistéres; mas levai-me em conta a boa vontade que tive, de vos satisfazer, porque esta existiu sempre.

Espero me desculpeis se julgardes mal cabidas as fraternas exhortações que vos dirijo; cumprindo-me agradecer-vos a benevolencia que sempre usasteis comigo e o apoio que ao fraco merito concedesteis; possam os sentimentos que e vossa presença me desperta, confundirem-se aom os vossos e juntos realizar um dia, mais uma pequena estrella para a corôa brilhante que cingio a frente de nossa PATRIA.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

III

ESTUDOS HISTORICOS.

I.

VIRIATO.

(Continuação.)

No meio destas lutas gigantescas em que o poder de Annibal, á semelhança de um meteoro se hia enfraquecendo pouco a pouco, os Romanos não descansavam. Elles tinham herdado a intrepidez de *Romulus*, como tambem procuravam realizar os sonhos ambiciosos do fundador de Roma.

Atravez de um véo sombrio distinguiam ao longe uma estrella brilhante, precursora infallivel do immenso poder que deveria tornal-os senhores do mundo. Em quanto que Annibal, atravessando os Peryneos, hia procurar a sua total ruina, os Romanos asseguravam-se de toda a Italia, e penetravam na Hespanha onde faziam excursões formidaveis. Os generaes orgulhosos dos seus recentes triumphos, soltaram gritos d'en-

thusiasmo á vista das immensas riquezas de ouro e prata que este paiz lhes offerecia.

Os dous Scipiões obraram prodigios de valor. Publius Scipião o Africano, que lhes succedeu no commando, tornou-se em pouco tempo senhor de toda a Hespanha, e os Cartagineses foram expulsos della para sempre. Os Romanos tinham para governal-a dous magistrados annuaes, com o titulo de Pretores. Um mandava a Hespanha ulterior, que comprehendia a Betica e a Lusitania, o outro commandava a Hespanha ulterior ou Tarragonesa, composta de todas as outras provincias. Com tudo os Romanos encontravam a cada passo essa resistencia heroica, que quasi dous mil annos depois tornaria a Peninsula tão notavel; ella não se submetteu completamente, as revoltas succediam-se umas após outras, e os grandes conquistadores viram por mais de uma vez suas aguias abaterem-se ante o denodo e coragem dos conquistados.

IV.

Corria o anno 3812 da criação do mundo, e 150 antes de Jesus Christo. Eram consules em Roma Marco Claudio Marcello, e Lucio Valerio Flaco. Nomearam para o governo de Hespanha a Marco Alitio. As novas que este recebeu, chegado que foi a Andalusia, tornaram-no confuso.

A Hespanha era um volcão prestes a fazer explosão ao primeiro signal. Os soccorros vinham de todas as partes, o espirito de nacionalidade e independencia germinava de um ao outro lado. Aconselharam Alitio para que se prevenisse, chamando a si toda a soldadesca de que podesse lançar mão. O Pretor aproveitou as boas disposições d'alguns individuos, e conseguiu reunir um exercito respeitavel.

Os Luzitanos enganados com uma apparencia de calma e socego, e receando que o novo governador esperasse o momento favoravel para os subjugar, sahiram a campo, e a victoria inclinou-se mais de uma vez para seu lado.

O Pretor a quem as informações do espirito de seus inimigos tornára sobremodo cauteloso e prevenido, deseurologou algumas bandeiras, e animando os soldados conseguiu pôr os Luzitanos em desordem. Retirando-se como bravos que jamais voltaram costas aos seus adversarios, iam crear novos reforços com os quaes podessem vingar esta derrota.

Segundo Laymundo os Luzitanos deixaram no campo da batalha mil e duzentos mortos, e com quanto Apiano diga que não passou de setecentos, nem por isso os Romanos cantaram victoria, pois que o seu triumpho além de lhes custar a perda de outros tantos soldados, era quasi que ephemero. A traição foi sempre a arma favorita d'estes conquistadores. Alitio penetrou por toda a Luzitania, commetteu excessos sem conta asso-

lando algumas terras florescentes já, o que deu causa a que os Luzitanos pedissem a paz.

O Pretor satisfeito da submissão de tantos heros concedeu-a com alguma condições um tanto onerosas, a que os vencidos se curvaram á vista das circumstancias que as precediam. Alitio recolheu-se á Andalusia. Durante a sua ausencia os Vitones * que tinham a vingar a morte de tantos valentes fortificaram-se, obrigando os outros Luzitanos seus visinhos de Ostrace a quebrar os tratados. Estes fizeram alguma opposição, mas como a causa era commum entraram n'essa liga poderosa sombra fatal dos Romanos. O inverno impedira Alitio de fazer differentes excursões como costumava; elle sabia que os seus inimigos occupados com as colheitas esqueceriam seu antigo odio, e esta idéa o assegurava. O Pretor foi chamado a Roma. Estava nomeado para o substituir o celebre Servio Galba.

O vulcão hia rebentar, a vinda d'este homem para a Hespanha seria a origem d'uma guerra tão encarniçada, tão nacional, que os Romanos abalaram-se por fim. Quanto pôde o espirito do nacionalismo e independencia!

Galba que sabia o caracter do povo que lhe davam para governar, pensou que inspirando-lhe terror poderia com mais facilidade subjugal-o. Com este intuito penetrou por terras de Algarve e Ourique, e assolou mais em um dia que seus predecessores durante todo o seu governo. Um grito geral unisono se erguem de montanha a montanha!

Morte aos Romanos, exterminio aos barbaros!

Os Luzitanos armaram-se e sahiram de novo a campo, introduziram-se nas terras dos Romanos destruindo e queimando tudo que encontravam.

Galba obteve grandes reforços d'Andalusia, e apresentou-se para castigar a audacia dos revoltosos.

(Continúa.)

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação).

Luisa estava sentada em uma cadeira. Pallida e arquejante, lançava olhares desvairados em torno do quarto; uma noute só fôra bastante para a tornar quasi um espectro.

Bom dia menina, desse Lourenço apparecendo de improviso.

A joven levantou-se como impellida por uma

* Povo que habi ava perto d'Alcantara.

mola, deu um grito, e cahio desmaiada sobre a cadeira.

Martha correu em seu auxilio.

Nada é, um *faniquito* sem consequencias, atalhou o malvado.

Este homem não tem coração! exclamou a velha continuando a prestar soccorros a Luisa.

Perfeitamente dito, tornou Lourenço, não tenho coração, para que? E' um traste inutil e de luxo, no meio d'esta sociedade corrupta e immoral.

Luisa pode erguer-se de novo. Fitou os olhos em Lourenço, e deu um suspiro; a infeliz começava a comprehender.

Menina, disse este, houve tempo em que um olhar seu seria bastante para acalmar as tempestades que se formavam de instante a instante em meu espirito. Amava então, e parecia-me que a vida se abria para mim com novo horisonte. Hoje, como vio, sou invulveravel, e um olhar seu em lugar de commover-me irrita-me.

Mate-me Sr., imploro-lhe de mãos erguidas... tenho soffrido tanto n'estes ultimos dias, que a morte seria um bem para mim!

E Luisa arrastava-se aos pés do malvado, de mãos postas, e n'uma attitude supplicante.

Matal'a? seria a maior de todas as asneiras!... quero pelo contrario que viva, e por muito tempo. Levante-se pois que temos a fazer uma longa viagem.

Não, sahir d'aqui, e acompanhada por um infame como o senhor!... exclamou Luisa com uma exaltação de que se não julgaria capaz.

Sim, já.

Chamarei por soccorro... alguem escutará as supplicas d'uma infeliz.

Olhe, disse Lourenço apontando para porta, chegou a pessoa que eu esperava, a caminho.

Era o *poeta*, precedido do creado.

Aquelle entrou meio desconfiado. Martha lançou-lhe um d'aquelles olhares terriveis a que elle não podia resistir.

João, disse Lourenço, em quanto esperamos pelos preparativos d'esta menina, procura um dostrabalhadores da quinta, e diz-lhe que vá dizer a meu pai que parto para uma viagem d'onde não regressarei em menos de um mez, e tu volta aqui.

O creado sahio, Lourenço sentou-se perto de Luisa, e chamou o *poeta* que se não queria aproximar sem authorisação de Martha. Esta a acompanhava todos os movimentos do primeiro com um olhar perscutador, era evidente que elle ruminava um projecto qualquer que dizia respeito a Luisa. Mas se a velha tinha um poder extranho sobre o *coxo*, Lourenço tinha-o sobre Martha, porque a um simples signal seu a feiticeira pegou na roca, e foi sentar-se tranquilamente perto da porta.

Eisnos por fim perto um do outro, e em circumstancias demasido criticas para a menina, disse o malvado raptor aproximaudo-se mais de Luisa; sei que lhe custa bastante escutar as exprobrações do seu antigo a apaixonado, mas felizmente o acaso veio em soccorro meu, e eu terei de aproveitar as vantagens de um *tête à tête* tão extraordinariamente combinado.

Atrever-se-ha a insultar uma pobre rapariga que não tem por si mais que a indignação do seu infame proceder?

Estou resolvido a tudo menina, tenho a vingar o odio que lhe inspirei e á ingenua Mathilde; quanto a Carlos são contas que ajustaremos depois....

Carlos.... Carlos.... oh! o terrivel da minha posição fez-me esquecer que tenho n'elle um deffensor.

Carlos está talvez a esta hora longe d'aqui, procura-a, mas não sabe que a sua amante está em poder do seu maior inimigo.... Cumpre aceitar todas as consequencias do seu despreso por mim.

O poeta, em pé, de braços crusados e olhar scintillante escutava Lourenço e Luisa com attenção. Advinhava pouco mais ou menos o resultado d'esse combate, e entre si se dispunha a aproveitar-se d'elle. Comprehendera que Martha lhe dava liberdade ampla e completa para obrar a seu belo prazer, por isso receioso que as cousas tomassem um caracter mais serio tomou a palavra, e perguntou a Lourenço o que determinava a respeito d'elle.

Acompanhar-me-has, quero ter todos os cuidados e attensões por esta menina.

E quando partimos?

Em breve; espero João.

Eil-o, disse o coxo.

O creado voltava da commissão de que seu amo o encarregara.

Está tudo arranjado, disse elle.

Então o caminho. E Lourenço fazia signal a Luisa para levantar-se.

Sahir d'aqui? respondeu ella com socego, já lhe disse que o não acompanhava.

E' o que vamos ver, tornou aquelle seguindo-a pela cinta.

A joven deu um grito, e levantou-se pallida e ameaçadora.

Cobarde! que ousa levantar a mão para uma mulher indefessa!...

Lourenço sorrio-se com ironia, e deu um passo para a frente, encarou Luisa, sorrindo-se de novo disse:

E' cedo ainda... a resistencia aqui seria pouca valiosa, aprecio no mais alto grau uma lucla entre o lobo e o cordeiro em lugar mais vasto... Vamos senhora, e elle carregou n'esta palavra, estou impaciente por offerecer-lhe uma habitação

elegante rodeada de tudo que possa dissipar a tristeza e o mau humor....

Luisa não respondeu, olhava para o malvado.

Custa a comprehender como posso conter este desejo ardente de possuil-a aqui mesmo.... mas estas testemunhas.... nada a sós.... com mais sangue frio.... Athanasio, continuou elle, pega n'esta mulher como o farias a uma creança....

Soccorro!... soccorro!... bradou Luisa.

Martha lia ao chamado da joven....

Nem mais um passo! bradou Lourenço com raiva.

O poeta, como o fiserá na noute do rapto, sufocou os gritos de Luisa, tapou-lhe o rosto com o lenço que ella trasia ao pescoço, e a um signal de Lourenço foi depol-a no seu cavallo. A gallope, disse elle montando. Athanasio acompanhava-me. E o malvado com um sangue frio espantoso abraçou-se com a joven desmaiada já, o partio com os dous acolytos. O poeta hia a pé, mas as suas formidaveis pernas acompanhavam o passo dos animaes.

Martha via tudo da porta. E' a fatalidade, disse ella voltando tristemente para a interior.

(Continúa.)

Descobrimto da America.

(Continuação n. 2.)

Depois da sua partida de *Palos*, portó de mar na *Andaluzia*, Colombo tomou o rumo d'Oeste, até certa altura; *dobrando depois* para o Sul, abordou ás Canarias, porém, pouco depois, fez-se de vela na mesma direcção. Durante esse longo trajecto teve Colombo de soffrer a principio, as queixas e murmúrios, e por fim, até as ameaças da sua tripulação; todos queriam que Colombo voltasse para a Hespanha, julgando estarem no meio d'um Oceano illimitado! — Colombo, sempre perseverante affrontou essas ameaças com dignidade, sem ceder ás exigencias da equipagem. Por fim tal foi o alvoroço da sua gente, que, semelhantes a trigres furiosos, tentaram mata-lo ou lançalo ao mar!

Colombo tão bravo sempre no meio dos perigos do Oceano, não desmentio sua bravura n'esta crise; pediu á tripulação a demora de trez dias, fudos os quaes, elle lhes promittia, que avistariam terra, e por esse meio ponde applicar o furor excitado contra si. N'este mesmo dia, e sobretudo nos dous seguintes, Colombo percebia varios indicios que denotavam a proximidade

de terra; havia visto algumas folhas, e mesmo troncos de arvores, e n'um d'elles um ninho de passaro; avistou até um pau trabalhado por mão de homem, e tambem algumas aves que voavam em varias direcções. Temendo então algum baidio, Colombo fez sondar o mar, achou-o fundo, e tornando-se evidente que a terra estava proxima, prometeu uma recompensa ao primeiro que avistasse terra. *La Pinta*, de marcha superior aos outros dous navios, ia adiante sempre, e ao pôr do sol no segundo dia depois da promessa de Colombo, *la Pinta* annunciou « terra. »

Esse grito « terra » encheu de jubilo toda a equipagem, mas infelizmente era uma nuvem no horisonte, e com grande desesperação reconheceu-se o erro! No terceiro dia, ancioso pela sua sorte, Colombo contemplava attento o vasto oceano, e cada vez mais, vio novos signaes e indicios de proximidade da terra, mais frequentes que nos dias antecedentes. O Oceano tornava-se esverdeado, e a agulha de marear principiou a mover-se em oscillações incertas. Colombo não podia, na verdade, explicar á sua tripulação a irregularidade d'essas oscillações, que elle mesmo não comprehendia, mas conservou com-tudo o seu sangue-frio, assegurando-lhes que em pouco tempo chegariam á terra

Por acaso, ou por um mysterio inexplicavel, a predicção de Colombo devia-se cumprir n'esse dia! Apenas se encobria o sol no horisonte, avistou-se ao longe um clarão, que augmentava e diminuia alternadamente, e via-se sombra de terra; *la Pinta* annunciou « terra! »

« Terra! » sahio de todas as bocas! e d'esta vez não era illuzão, pois approximavam-se á olhos vistos d'ella. Então, espetaculo singular, toda a tripulação vinha em chusma lançar-se aos pés de Colombo, implorando-lhe perdão e prometendo-lhe eterna obediencia!

Colombo chegando perto de terra fez fundear, e toda a equipagem entoou a bordo de seus navios um hymno em louvor do Senhor. Acabada a oração, Colombo saltou a terra, primeiro e cahindo de joelhos, elevou a Deos fervorosos louvores pela sua bondade, plantou depois o estandarte, com as armas d'Hispanha e fez desembarcar a sua gente.

A primeira terra em que haviam tocado era a ilha de *Guanahani*, que Colombo designou com o nome de *S. Salvador*, e onde desembarcaram, depois d'uma viagem de setenta dias, desde *Palos*, no dia 12 de Outubro do anno 1492.

(Continúa)

J. A. S. RIBEIRO JUNIOR.

Os Esfaimados.

ROMANCE

POR JOSÉ MIGUEL DIAZ FERREIRA.

A Carnificina.

V.

Um grito de raiva, saltaram os contrabandistas ao verem a porta fazer-se em pedaços!

Julião lançou mão d'um machado, e gritando para seus companheiros, principiaram a descarregar as armas sobre a multidão do povo, que os acometia desesperada. Muitos cahiram mortos ou feridos.

Os contrabandistas armados de clavinas abriram fileiras em seus inimigos.

Julião por seu lado dava o exemplo de maior arrojo e sangue frio que delle não esperavam seus companheiros.

Todo aquelle que tentava avançar mais a frente era dirribado aos terriveis golpes do grande machado, que fazia girar para todos os lados.

Os ultimos pelotões de povo acabavam de chegar, e reunindo-se todos á entrada, arremessaram-se juntos sobre os contrabandistas. Desta vez o numero venceu a posição, e os contrabandistas com os chuços ao peito foram de encontro á parede do fundo, sem que tivessem tempo de carregar as clavinas.

Então a luta tornou-se desesperada e barbara; já não havia espaço sufficiente para poderem defender-se, e cada qual procurava vender caro a vida.

Julião colocado a um lado defendia-se com ardor desesperado, e não só fazia em pedaços a todas as armas que lhe apontavam ao peito, como cahiam mortalmente feridos todos os que o combatiam.

O chão causava horror, estava alagado de sangue, e os cadaveres embaraçavam a defesa. Muitos contrabandistas jaziam mortos ou feridos, e o povo tambem tinha perdido muito.

A luta continuava desesperada, e ia-se decidindo a favor dos esfaimados.

Ricardo e José estavam cobertos de sangue, e sempre á frente de seus companheiros gritavam, animando-os.

José tinha sido ferido no hombro e asim mesmo banhado em sangue, armado d'um cumprido chuço arremessava-se contra Julião, que ainda se conservava, batendo-se desesperado. José reconhecia que Julião lhe era superior, mas tal era a raiva, que expunha-se a cada passo a ser derrubado pelo mortifero instrumento que Julião ainda com tanta velocidade fazia girar. Ricardo avançou para o lado de seu amigo, e agarrando na

clavina d'um defunto voltou-a e fazendo-a girar com rapidez aparou uma machadada, que vinha despedaçar a cabeça de José.

Julião encarou-o com olhar de desprezo, e recuando um passo, volteou o machado e descarregou em seu inimigo trez golpes seguidos. José tinha se voltado e vendo Ricardo, gritou-lhe:

Ah! meu Ricardo, é este o malvado contrabandista chefe desta quadrilha; foi este o roubador de tua futura esposa, elle te deve dar conta de Maria, vinga o ultrage que nos fez.

Um leve sorriso se divisou no semblante de Ricardo ao ouvir José pronunciar aquellas palavras.

Bem, meu caro amigo, está, em minhas mãos, disse o mancebo recuando dous passos; então és tu esse infame Julião, que queria a mão de Maria? Sou eu mesmo, respondeu Julião, descansando sobre o machado; eu jurei que Maria havia de ser minha, foi e agora está morta!...

Malvado!.. pronunciou Ricardo, tu a mataste? Sim! respondeu elle com arrogancia, porque quebrou os juramentos que me tinha feito.

Onde está seu corpo? Queimei-o!...

Barbaro!.. tão atrevido foste?!... pois sabe que eu sou Ricardo, e pagarás por tudo o que fizeste..

Então na verdade queres conhecer-me?.. perguntou Julião com riso de escarneo. Sim! e verás para quanto presto. Ainda Ricardo não tinha acabado de dizer estas palavras e o machado de seu inimigo batia de encontro a coronha da clavina, e resvalando, quasi lhe cortava a mão.

Ricardo então principiou o combate. O mortifero instrumento voltava-se para todos lados aparando os golpes que Ricardo lhe descarregava.

Em uma das voltas a coronha da arma de Ricardo, dando com força no braço do contrabandista, fez-lhe saltar o machado a tres passos de distancia, Julião correu, apanhou a arma e fazendo-a girar de novo, continuou a bater-se; seu roto estava contrahido e o suor lhe corria em bicas.

Ricardo ataeava-o sem descanso, e livrando-se d'um golpe atirado á cabeça descarregou com tanta rapidez e força outro em seu adversario; que o contrabandista curvou-se e dando um grito de dôr, largou o machado da mão e cahiu no chão semi-morto.

Ricardo agarrou-o por um braço e arrastou-o para fora, parte da cabeça e da fonte estavam inteiramente abertas, e o sangue lavava todo o corpo.

José estava animando alguns feridos e tratando d'outros; assim que vio Ricardo arrastando o corpo de seu inimigo exclamou. Oh! estamos vingados!... Ricardo voltou para dentro vio o resto dos contrabandistas todos mortos, ou feridos. O dovo tinha estado admirando o valor com que

necombatera e exclamou ao vel-lo entrar: viva o osso chefe! viva! repetirão todos. Obrigado, amigos, agora é preciso tratarmos dos nossos feridos e quanto antes.

Todos obedeceram avoz de Ricardo, e cada qual principiou a servir de cirurgião aos seus companheiros.

Oh! mas agora o que faremos? dizia Ricardo a José. Procurar o corpo de Maria. Como? se foi queimado!... pois queimemos a este infame tambem!... Passados alguns minutos uma fogueira servia de sepultura aos cadaveres dos malvadados contrabandistas!

José e Ricardo estavam assentados a um canto, sem dizerem palavra.

Passados alguns instantes o povo fazia fóra uma grande algazarra, e pouco depois gritos de: temos fome!.. a promessa!.. Temos fome! se fizeram ouvir como echo agudo aos ouvidos de Ricardo.

Levantou-se e em seu rosto palido pela emoção que lhe causava ver o povo morrendo de fome, gritou-lhes: vinde, vamos examinar tudo aqui deve haver mais algum lugar porque elles guardaram todos os comestiveis. E principiaram a bater e apalpar todos os cantos até que deram com a porta do subterraneo.

Por aqui! vamos gritou Ricardo, e todos o seguiram. Ao dobrar os degrãos da escada havia uma lampada que alumiaava um comprido corredor.

Foram descendo; de cada lado havia uma porta o povo atirou-se a ellas e fizeram-as em pedaços:

Um grito de alegria partiu de todas as bocas.

Estamos salvos!... tinham descoberto o deposito dos comestiveis. Ricardo emcaminhou-se para o fundo do corredor, e vio um corpo estendido, e sentio-se um gemido surdo; chegou-se e cahindo de joelhos exclamou: oh! meu Deos, é ella, é Maria!...

POESIAS.

D. Sebastião.

FRAGMENTO.

BATALHA D'ALCANCER KIBIR.

(4 de de Agosto de 1578).

Marcial trombeteiro, o som de alarma
Arranca da trombeta luzidia!...
A formar-se em batalha, já lá voam
Numerosos ginetes mui velozes...
Em formoso corcel fulgindo de ouro
Entre os nobres, risonho, El-Rei se mostra!
Com vós animadora ás tropas falla;

« Vinde oh duque d'Aveiro e Mauritano
 « Rei Dom Duarte de Menezes ;
 « E vós, famosos Tavoras, segui-me
 « Ao combate mostrar o valor vosso !
 « Correi, trema de nós Moley Maluco,
 « Saberemos domar mouros tredores,
 « E destruir da terra tão vil gente !

(E n'isto vezes trez brandio a lança)

« Juro por este ferro que a victoria
 « Terei por Sant' Iago n'este dia !...
 « Eis o imigo infiel que lá apparece....
 « Partio, bons cavalleiros, ás fileiras !!
 « Tremule o pendão vosso !...

Elles cavalgam

« Tão guapos, brilhantes, gallopando !
 « Ora sus ! imitae-me, oh meu ginete....
 « Victoria ganha quem na terra vence,
 « Lá no céu a quem morre !...

Assim dizendo

Segido de seus nobres cavalleiros
 Com sua forte espada scintilante
 Dá sobre os esquadrões irado e cego !
 Corta, fere, derruba como um rayo
 Quantos ousam de si avezinhar-se,
 E já por entre a multidão imiga
 O temerario rei desaparece !...

Contra o povo Africano a lusa gente,
 Peleja com valor, denodo extranho !
 Grossas columnas de poeira e fumo
 Envolve os renhidos combatentes !
 Fere os ouvidos dos canhões o estallo
 E de fuzil retumbam mil discargas !
 Tristes ais d'afflicção, ais d'agonia
 Já vagam pelo campo da batalha
 Só confusão, terror, só mortandade,
 Em todo o vasto campo se appresenta !
 Com suas azas negras, adejando
 Vae a morte os guerreiros destruindo !...
 As meias-luas do infiel—divisa
 Com impeto medonho se tocaram,
 E todos os christões por terra jazem
 Por ellas esmagados já sem vida !
 (Sem vida todos sim, mas não vencidos !)
 Despedaçado e roto jaz entre elles
 Também o seu pendão ensanguentado....
 Seus peitos traspassados pelo ferro

Do vil sangui sedento Mahometano
 Em grossos borbotões o sangue corre
 Sobre o campo, de suas largas f'ridas !
 O real estandarte é já captivo ! !
 E, El-Rei vaga demente entre cadavr'es ! !....
 E tú, oh Portugal, tú também sentes
 O jugo atroz do Castelhana infido ! ! !...

Junho de 1856.

DIOCLECIANO DAVIR CEZAR PINTO.

AO 21.º ANIVERSARIO DO MEU AMIGO O SR. JOSÉ
 SERGIO D'OLIVEIRA.

Em 9 de Setembro de 1856.

Recebe, caro amigo, o que m'inspira
 A sincera affeição que te consagro.

(DO AUTOR.)

Eu quizera ser bardo sublime,
 Lindas trovas quizera cantar ;
 Eu quizera poder a teus annos
 Uma linda canção entoar.

Eu quizera ser Deosa ou fada,
 Linda c'roa quizera compôr ;
 E natua fronte juvenil
 Com prazer a quizera depôr

Eu quizera ser anjo do céu
 E no espaço quizera voar,
 Crebros hymnos por teus bellos annos
 Eu em côro quizera cantar ! ! !

Quatro lustros e só mais um anno
 Tu completas hoje venturoso,
 E's tão joven por todos amado,
 E's feliz em amor... és ditoso !...

Quantas letras contêm estas linhas
 Tantos annos tu possas contar,
 Com a bella que adoras ao lado
 As delicias d'amor desfructar.

São os votos que nutro sincero
São nascidos de meu coração
São mesquinhos... que importa? só dizem
Amisade, pureza afeição!...

A. J. DE CARVALHO LIMA.

Ella... Esperanças.

Noite feliz!... que transportes
Ambos sentimos... mais fortes
Nesta existencia não vi;
No rosto angelico, côres
Sempre diversas, amores
Ambos gosamos, soffri...

Pois era um sol debruçado
Nas collinas, debuchado
Nas aguas verdes do mar;
Reflectia vacillante
Pela crescente e vasante
Da onda azul assurrar.

Noite adeus... depois sonhara
Nas venturas que gosara...
Loucos desejos de amores!
Uma volta, despertei..
Tantos sonhos recordei,
Saudades e dissabores...

Teu destino... que! não creio
Pois hei-de crer que outro veio
Fero mortal captivar-te!...
Deveras não: foi costume
D'alma pura, o santo lume
A' força o usaram privarte..

Ha-de crer a natureza
Occulta a chamma que accesa
Torne ainda a apparecer
Ha-de arrojjar qual volcão
Todo em lavas, a porção
De cadeias, livre ser

Ha-de vir, e já liberta
Ameus braços esta offerta
Lacrimosa me fazer:
Esta vida dos tormentos
Existe em teus pensamentos
Sem elles ha-de morrer.

Setembro 10 de 1856.

J. J. BARBOZA DE CASTRO.

A Felicidade.

A ventura não se encontra
Na grande pompa dos reis,
Impostura desta vida,
Mentirosos ouropeis.

Não digo que a tenha o pobre,
Que a custo ganha seu pão,
Para quem achar trabalho
E' grande consolação!

Mas ainda algumas veses
Tambem lhe virá sorrir,
Quando pode entre seus filhos
Amargo pão repartir.

Dizem alguns que s'encontra,
Mas é só por um momento,
Na cegueira de um transporte
D'amores juramento.

Mas só vem c'o a paz d'alma
E é preciso soffrer,
Desesperar muitas veses
Primeiro que a possas ter.

Assim foi que ella aqui dentro
Lançou profunda raiz!
Triste, isolado, esquecido,
Ainda assim, sou feliz.

S. Paulo, 23 de Agosto 1856.

J. C. L.